

WAGNER SIQUEIRA SILVEIRA

- CASO/NOME DO USUÁRIO: WAGNER SIQUEIRA SILVEIRA

- IDADE: 26 anos

- DATA EM QUE OCORREU: 30/6/2002

- LOCAL DA VIOLÊNCIA: Comunidade Terapêutica Interdisciplinar - Cotei

- CIDADE/ESTADO: São João Del Rei – Minas Gerais

- DENÚNCIA: Os principais denunciadores são o aposentado Antônio Nazaré da Silveira e Maria de Jesus Siqueira Silveira, pais de Wagner que denunciam que o filho foi vítima de maus tratos que teriam ocasionado sua morte. Antônio é pai de Wagner Siqueira da Silveira, morto aos 26 anos, depois de ser submetido a uma contenção na Cotei no dia 30/6/2002. "Meu filho passou por mais de três horas enrolado num lençol com um velcro, que era usado para imobilizar os internos. Todo este tempo, fez com que ele se desidratasse", relata, acrescentando que não havia médico na Clínica e que Wagner só foi levado a um hospital depois que um dos funcionários viu que ele estava tendo convulsão. O paciente era amarrado em um lençol grosso, de brim e velcro. "Consta no relatório da clínica que o Wagner ficou três horas enrolado neste lençol. Uma funcionária viu que ele estava passando mal e pediu ajuda a um vizinho para transportá-lo até o hospital, pois não existia um médico de plantão na clínica". "Ele chegou ao Hospital das Mercês com convulsões, retenção de urina e vários outros problemas e morreu 24 horas depois". Funcionários que foram ouvidos pelo Ministério Público confirmaram o procedimento. Antônio Silveira acusa os responsáveis pela Cotei de negligência e espera a punição dos culpados. "Queremos fazer um apelo para que a promotora agilize esse processo e que sejam punidos os responsáveis pela morte do meu filho", pede o aposentado Antônio Silveira, acrescentando que a medida vai favorecer toda "a coletividade e todas as crianças que ainda estão internadas lá". Em depoimento ao Ministério Público do Rio de Janeiro, Maria de Jesus Siqueira Silveira, mãe de Wagner, relata que a contenção por meio de lençol foi adotada pela Cotei como forma de diminuir gastos, já que antes eram usados monitores para fazer contenção humana. "Wagner chegava à exaustão, quase desmaiando", relata, acrescentando que, no dia da morte, depois de ficar por mais de três horas imobilizado, ele teve uma grave convulsão sem que nenhum atendimento tivesse sido dado. "Não havia sequer um enfermeiro que pudesse constatar o estado de convulsão", continuou. Ao ser internado no Hospital Nossa Senhora das Mercês, ele tinha pressão baixa (sete por quatro), contenção urinária, hemorragia digestiva, diarreia, febre e convulsão. Segundo Antônio Silveira, a restrição alimentar feita por funcionários teria feito com que Wagner perdesse mais de 15 quilos em 45 dias. "Ele chegou a diminuir cinco centímetros na sua estatura", acrescenta. Os procedimentos de contenção foram confirmados por todos os funcionários da Cotei que foram ouvidos pela Promotoria.

- CONSEQUÊNCIAS: O caso é tema de um inquérito que está sendo investigado por promotores de Rio de Janeiro, que acionaram a Promotoria de São João, que deu início a um segundo inquérito, presidido pela promotora Eliane Fernandes do Lago Corrêa. Este último, que reúne mais de 400 páginas, tem como título "Risco à saúde dos internos da Cotei", e está em fase final. Entre as pessoas ouvidas, está uma ex-funcionária, cujo nome está sendo mantido em sigilo por questão de segurança. Ela confirma o uso de lençóis com velcro e de manchetes (usadas para envolver os braços) para conter os internos em crise e denuncia uma série de maus tratos, inclusive, a suspensão de alimentação. Além de Wagner, outro interno morreu na Cotei, em julho de 2000. O caso também integra o inquérito.

- FONTE DAS INFORMAÇÕES: Gazeta de São João Del Rey